

Literatura Brasileira Contemporânea

Brasília, primeira quinzena de julho de 1997 - ano I, nº 6.

boletim

Espaço da agonia

Ana Maria Agra

Ópera dos mortos - Autran Dourado. 11ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990, 211 pp.



linguagem literária polissêmica, ambígua, equívoca é o lugar privilegiado da produção do símbolo.

Na obra *Ópera dos mortos*, de Autran Dourado, quiçá a mais importante do autor mineiro, a polissemia se fortalece sobremaneira, pois trata-se de uma obra cuja estrutura é sustentada por uma simbologia de alto apelo figurativo.

A saga dos Honório Cota é narrada por uma polifonia de vozes que se intercalam, se cruzam e se bifurcam. Cada uma dessas vozes se esforça à sua maneira para compreender o universo de símbolos com o qual depara. Há, entretanto, um narrador que assume nesta polifonia um lugar privilegiado. Um narrador-leitor, que, ao mesmo tempo que conta os fatos, se esforça para compreender o universo narrado. Na ânsia de compreender, debruça-se sobre a constelação de símbolos que estrutura a narrativa, e convida o leitor e um ouvinte interno, a quem conta os fatos, para conhecer o sobrado, o primeiro e mais importante símbolo de *Ópera dos mortos*.

É, pois, pela mão do narrador que somos guiados até o sobrado, palco onde será encenada a tragédia dos Honório Cota. Pertencente inicialmente ao coronel Juca Procópio, o sobrado era um edifício de um só pavimento e dizia em sua construção muito do dono que ali habitava: era rústico, alto, imponente. O filho, João Capistrano Honório Cota, assobradou-o, riscando em seu desenho suas marcas, mais leves, mais suaves. Dessa forma, o sobrado é a conjugação de duas gerações, duas épocas históricas e de dois estilos arquitetônicos. Nele, a protagonista Rosalina, legítima representante dos Honório Cota, assistirá morte após morte o desaparecimento de sua linhagem. É nesse espaço fechado, sombrio, frio que Rosalina se recolhe, recusando qualquer contato com outro espaço, a cidade.

O sobrado que perpassa toda a narrativa se inscreve na obra como metáfora de fechamento e impenetrabilidade. O espaço fechado do casarão se opõe ao espaço aberto cidade. Rosalina rejeita o espaço aberto e se refugia no espaço-casa. Ao recusar o espaço aberto, Rosalina perde de vista sua referência no mundo, perde de vista a vida enquanto processo dialético e existencial. O trancamento no sobrado é a recusa da dimensão do conflito. Em sua latência, o sobrado pode ser lido como um símbolo da a-historicidade, da imobilidade. Os mortos de *Ópera dos mortos* não morrem, habitam o espaço físico, ditam suas

regras, determinando o comportamento da única sobrevivente da linhagem Honório Cota. Ele assume na narrativa uma dimensão simbólica. É o palco da solidão e da agonia. O cosmo fechado de Rosalina que, regida pela memória onipresente do avô violento e pelo ódio e orgulho aristocrático do pai morto, acabará por sucumbir à loucura.

Fechado por excelência, o sobrado se desdobra em outros fechamentos. As janelas e portas, obsessão do texto, partilham do mesmo sentido latente do sobrado: pretendem proteger a vida dos que ali vivem de qualquer contato com o mundo exterior. Dessa forma, as aberturas necessárias à comunicação com o mundo apenas reiteram a impenetrabilidade e incomunicabilidade do sobrado. As portas e janelas passam, então, a ter uma função oposta a que naturalmente deveriam desempenhar: elas interditam a comunicação sobrado x cidade, cidade x sobrado.

Símbolo nuclear de *Ópera dos mortos*, o sobrado está no início e no fim do universo narrado, anunciando o eterno retorno de cenas fantasmáticas. Embora seja um símbolo privilegiado, ele faz parte de um sintagma maior: de um eixo de imobilidade configurado por outros símbolos que aparecem na narrativa.

Se o símbolo anteriormente mencionado relaciona-se estreitamente com os ancestrais da protagonista, as voçorocas se relacionam com o personagem Juca Passarinho. Juca, em *Ópera dos mortos* é o personagem que introduz um antes e um depois no sobrado, dialetizando-o.

Juca abandona a terra natal depois de vivenciar duas mortes de pessoas com quem tinha laços afetivos. Nesse sentido, o sertão de Juca é idêntico ao sobrado de Rosalina: está povoado de morte. Juca saiu de sua terra à deriva até deparar-se com os sinais de cidade. É nela que tomara parte em uma tragédia. Antes, entretanto, Juca vê as voçorocas. As voçorocas, primeiro contato de Juca com seu novo destino, anunciam na narrativa a tragédia que os símbolos engendram. O forasteiro Juca Passarinho desde o contato inicial pressente as voçorocas como um espaço predador. Seu espírito fatalista o faz associá-las ao diabo, à morte. Sua descrição como entranhas, gengiva, vermelho, negro escuridão, bem como sua própria forma de buraco levam-nos a pensar nas voçorocas como uma metáfora de útero, útero predador. Toda sua descrição na narrativa (goelas, entranhas, gengiva) aponta para um espaço antropomorfizado, mas suas características não são só humanas. Os verbos que as descrevem, como *crescer, comer, engolir, tragar*, apontam semanticamente para a figura de um monstro. A trajetória de Juca na narrativa se anuncia como um esforço de deciframento de um mundo

(continua)

ÓPERA DOS MORTOS

Espaço da agonia

(continuação)

enigmático que sua alma de homem simples não consegue ler totalmente. Essa parcialidade do conhecer é simbolizada em Juca pela cegueira parcial. Impossibilitado de decifrar a complexidade dos símbolos com os quais se depara, Juca caminha rumo ao abismo.

O conteúdo de morte do sobrado é transferido para as voçorocas, estabelecendo-se uma associação entre Rosalina e este espaço. A associação é possível porque traços semânticos comuns os unem: enigmáticos, indecifráveis, predadoras. Desde o início, Juca pressente e antecipa a tragédia inevitável: aqueles dois úteros predadores acabarão por engolir seu filho.

Esses espaços físicos em *Ópera dos mortos*, o sobrado e as voçorocas, são espaços que se impõem aos personagens. O sobrado, por sua grandeza e enigma; as voçorocas, pelo perigo e pela visão de morte que suscitam. O crescimento desses espaços cria uma tensão entre o universo que aumenta, cresce e os personagens que diminuem até serem tragados definitivamente.

Em *Ópera dos mortos*, assiste-se a um deslocamento progressivo do espaço exterior para o interior. O valor de morte associado ao sobrado e às voçorocas são sucessivamente transferidos e assumidos pelos habitantes do sobrado.

Além dos espaços considerados, há outros em *Ópera dos mortos*, como quartos, salas, corredores, quintal que, metonimicamente, reproduzem o fechamento do sobrado. Nesses espaços, são confinados cada um dos personagens. O trânsito de um espaço para outro obedece a leis rígidas, quase nunca transgredidas.

Há em *Ópera dos mortos*, além dos espaços físicos que se inscrevem como símbolos na narrativa, outros símbolos, como os relógios e as rosas, de extrema importância para a estruturação da obra. Entretanto, em sua latência eles convergem todos para um só, falam de um mesmo desejo: desejo de repetição, desejo de morte.

O narrador de *Ópera dos mortos*, ou o principal narrador, assume na narrativa também a função de personagem. Implicado naquilo que narra, ele se assemelha a um leitor que busca perplexo compreender o universo de símbolos, maior que seu olhar precário. Ao final da narrativa, vemos-lo com uma forte carga dramática de quem não compreendeu o que narrou. Diante da insuficiência de seu próprio olhar, ele procura a cumplicidade do leitor. É como se convidasse o leitor a ajudá-lo a desvendar o mistério inesgotável dessa trama simbólica. Dessa forma, narrador, personagens e leitores são todos intérpretes, e, tal qual intui o narrador, o mundo simbólico de *Ópera dos mortos* continua como uma esfinge propondo enigmas a quem dele se aproxima.

Ana Maria Agra é professora de Literatura Brasileira da Universidade de Brasília.

Sexta, dia 11 de julho

BANDOLEIROS

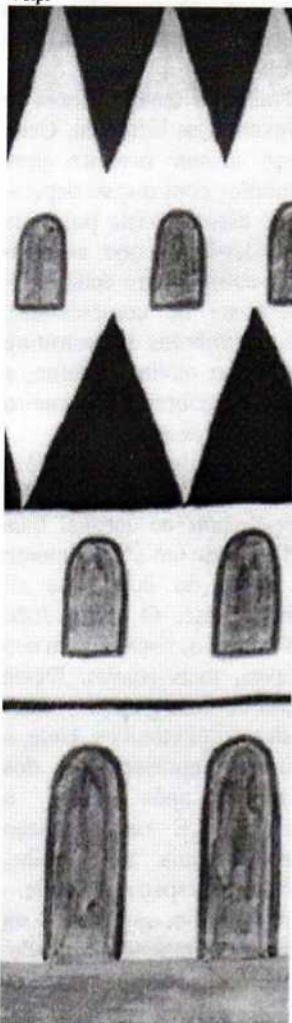
de João Gilberto Noll

O romance do escritor gaúcho será discutido na próxima reunião do GT. Sexta, 11 de julho, às 16 hs., na sala B1-242 (ICC Centro).

PARTICIPE!

Os encontros quinzenais do GT recomeçarão após as férias. A próxima edição do *Boletim* sairá na segunda quinzena de agosto.

Volpi



TRECHO DE POEMA

Sobrado

Francisco Carvalho

Este sobrado de pedra
mistério, silêncio e argila
deve ter os seus fantasmas.
Senão não seria antigo.

Deve ter prata enterrada
dentro de alguma botija.
Deve ter morto na sala.
Senão não seria antigo.

[...]

Deve ter cupim no sótão
ratos roendo o sigilo.
Deve ter vigas de cedro.
Senão não seria antigo.

Deve ter lendas de moças
que morreram de feitiço.
Deve ter alma penada.
Senão não seria antigo.

Deve ter quarto fechado
e as marcas do suicídio
protestando nas paredes.
Senão não seria antigo.

[...]

Fonte: Francisco Carvalho, *Quadrante solar*. S. Paulo: LR, 1983.

Literatura Brasileira Contemporânea/Boletim é um informe quinzenal do GT Literatura Brasileira Contemporânea da Universidade de Brasília. Correspondência para: GT Literatura Brasileira Contemporânea, A/C Profª Regina Dalcastagnè, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, CEP 70910-900 - Brasília - DF; e-mail: rdal@guarany.cpd.unb.br